

BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXXVI nº 1531 | 01/03/2021 a 14/03/2021

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

MILHO

OPORTUNIDADES E AMEAÇAS

Enquanto o cereal tem alta no preço e aumento da demanda, praga da cigarrinha coloca em risco a produtividade das lavouras do Paraná

sistemafaep.org.br

Aos leitores

Todas as atividades agropecuárias, sem distinção, têm sua importância para a economia do Paraná. Porém, algumas, devido ao seu alcance em outras cadeias, acabam por assumir uma expressividade ainda maior. É o caso do milho, que começa a ganhar as lavouras do Estado com a entrada da chamada safrinha (que deveria ser chamada de safrona pelo seu tamanho).

O milho, além do grão em si para a indústria de alimentos e exportação, compõe a ração dos animais. Em função de o Paraná ser um expoente na produção de frangos, suínos, peixes e leite, isso ganha uma importância maior. Afinal, os animais precisam da ração para a engorda.

Mas, uma pequena praga de cor branca tem colocado em risco as lavouras de milho no Paraná. A cigarrinha deixou, infelizmente, de ser uma ameaça para se transformar em uma realidade. O inseto vem causando enormes prejuízos, levando produtores e entidades do setor, inclusive o Sistema FAEP/SENAR-PR, a buscarem novas formas de controle. É disso que trata a matéria de capa desta revista, da necessidade de monitoramento e de ações para frear a doença. Afinal, as estratégias para o controle da praga estão nas mãos dos agricultores.

Boa leitura!

Expediente

• FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Francisco Carlos do Nascimento, Oradil Francisco Caldato, Nelson Natalino Paludo, Nery José Thome e Valdemar da Silva Melato | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita | **Diretor Financeiro:** Paulo José Buso Júnior e Ivo Pierin Júnior | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Ciro Tadeu Alcantara e Walter Ferreira Lima | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, Rodolpho Luiz Werneck Botelho, Eduardo Medeiros Gomes e Gerson Magnoni Bortoli.

• SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | **Presidente:** Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** Marcos Junior Brambilla (Fetaep), Rosanne Curi Zarattini (Senar AC), Darci Piana (Fecomércio) e Nelson Costa (Ocepar) | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Júnior e Carlos Alberto Gabiatto | **Superintendência:** Débora Grimm

• BOLETIM INFORMATIVO

Coordenação de Comunicação Social e Edição: Carlos Guimarães Filho | **Redação e Revisão:** André Amorim, Antonio Carlos Senkovski, Bruna Fioroni e Felipe Aníbal | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Fernando Santos, Helio Lacerda e William Goldbach | **Contato:** imprensa@faep.com.br

Publicação semanal editada pela Coordenação de Comunicação Social (CCOM) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da Edição 1531:

Fernando Santos, William Goldbach, Divulgação, Arquivo FAEP, Shutterstock, Simone Martins Mendes, Dagma Dionísia da Silva, Isabel Regina Prazeres de Souza, Alexandre Martins Abdão, Luciano Viana Cota, Alexandre Ferreira da Silva (Embrapa Milho e Sorgo) e Silvano Moreira (Universidade Federal de Lavras).

ÍNDICE



OS DOIS LADOS DO MILHO

Com preços recordes e cenário positivo, cereal tem boas perspectivas. Por outro lado, cigarrinha se multiplica, ameaçando lavouras

PÁGS.
16 e 22

CARTILHA

FAEP, governo do Paraná e IAT lançam material explicativo sobre o programa Descomplica Rural

Pág. 3

COMISSÃO DE MULHERES

Grupo criado pela FAEP organiza ações de fortalecimento da atuação e reforço da participação feminina no campo

Pág. 4

ENTREVISTA

Novo presidente do Instituto Pensar Agropecuária, Nilson Leitão, diz que país precisa desburocratizar licenciamentos

Pág. 12

PELO PORTO

Movimentação no Porto de Paranaguá bateu recordes em 2020, com 57,3 milhões de toneladas

Pág. 25

BOVINOCULTURA DE CORTE

Brasileiro come menos carne, mas demanda e reconhecimento internacional criam cenário favorável

Pág. 26

FAEP e governo do Paraná lançam cartilha do Descomplica Rural

Material será disponibilizado em sindicatos rurais e entidades do setor agropecuário. Produtor também pode baixar a publicação *online*

A FAEP, o governo do Paraná e o Instituto Água e Terra (IAT) lançaram uma cartilha voltada a orientar produtores rurais paranaenses em relação a mudanças no processo de licenciamento ambiental trazidas pelo programa Descomplica Rural. O material foi desenvolvido por técnicos da FAEP e do IAT. Milhares de cópias da publicação serão distribuídas aos sindicatos rurais e entidades do setor agropecuário de todo o Estado. O produtor rural também pode acessar o conteúdo integral na seção Serviços, no site do Sistema FAEP/SENAR-PR (www.sistemafaep.org.br).

A cartilha traz um conteúdo explicativo sobre o licenciamento ambiental, definindo conceitos básicos e apresentando as modalidades de licenças que existem no modelo atual. Em seguida, há um capítulo dedicado a cada uma das cadeias produtivas cujo processo de licenciamento ambiental foi desburocratizado por meio do Descomplica Rural: aquicultura, avicultura, bovinocultura (de corte e leite) e suinocultura. Para cada uma dessas atividades, a publicação traz detalhes de exigências da legislação, de acordo com o porte dos empreendimentos. Ainda, ao longo das 84 páginas, o material traz um capítulo introdutório sobre licenciamento ambiental (modalidades e conceitos) e, no final, uma série de anexos com declarações, diretrizes e formulários de análises.

“O Descomplica Rural modernizou o processo de licenciamento ambiental em atividades que são muito importantes para a economia do Paraná. Com essa cartilha, a nossa intenção é levar informação aos técnicos das entidades do setor e também aos produtores, para que possam viabilizar seus empreendimentos respeitando as leis ambientais e com segurança jurídica”, diz o presidente da FAEP, Ágide Meneguette.

Lançado em janeiro de 2020, o Descomplica Rural é um programa do governo do Paraná que tem por objetivo agilizar os processos de licenciamento ambiental no campo, com garantias ambiental e jurídica. Para isso, o programa promoveu uma reforma nas resoluções de licenciamento ambiental, atualizando o porte e a classificação dos empreendimentos rurais. Desta forma, tem sido possível dar celeridade aos licenciamentos, induzindo o desenvolvimento sustentável e abrindo caminho para a geração de novos negócios.



DESCOMPLICA RURAL



**BAIXE A
CARTILHA DIGITAL**

É fácil!

- Ligue a câmera do seu celular, aponte para o **QR Code**, acesse o arquivo digital. Caso não funcione, baixe um aplicativo leitor de QR Code.

- Ou faça o download no nosso site [sistemafaep.org.br](http://www.sistemafaep.org.br) na seção Serviços.



Comissão de Mulheres da FAEP alinha diretrizes de atuação

Propostas envolvem o fortalecimento da atuação no campo e o reforço do espírito de liderança



Participantes se apresentaram e compartilharam experiências durante o *workshop* em Curitiba

Criada com o objetivo de fortalecer a representatividade feminina no campo, a Comissão Estadual de Mulheres da FAEP deu seus primeiros passos. Para cumprir esse propósito, 15 produtoras rurais, de diversas regiões do Paraná, estiveram reunidas, nos dias 22 e 23 de fevereiro, em Curitiba, para dar início ao planejamento estratégico e definir as metas de trabalho. Neste primeiro encontro, realizado no formato de *workshop*, as participantes trocaram experiências e compartilharam suas histórias. Além da definição de objetivos e ações, o grupo também vai participar do processo de criação da identidade visual da Comissão.

Entre as participantes do encontro, muitas mulheres com perfis de liderança. Durante a apresentação, elas contaram suas histórias, destacaram o envolvimento com o agro e o sistema sindical e expuseram suas expectativas em relação à Comissão. Além de compartilharem suas experiências, as participantes também foram apresentadas com maior profundidade ao trabalho da FAEP, dos sindicatos rurais e estrutura do sistema sindical no Paraná.

A coordenadora da Comissão Estadual das Mulheres da FAEP, Lisiane Rocha Czech, que também está à frente do Sindicato Rural de Teixeira Soares, definiu o trabalho como uma grande responsabilidade, mas também uma colaboração extremamente positiva.

“Quando eu recebi o convite para presidir esse movimento, foi uma surpresa muito boa, porque eu sentia que FAEP precisava ter um trabalho específico voltado para a liderança feminina. Tive receios, mas logo surgiu a ideia de formar esse grupo de coordenação, em que eu pude convidar mulheres representantes de todo o Estado para colaborar nesse processo de criação e, assim, crescermos e trabalharmos juntas”, destaca Lisiane.

Além da proposta de fortalecimento do espírito de liderança nas mulheres, Lisiane esclarece que a Comissão também será uma oportunidade para o crescimento mútuo entre elas e a família rural. “Queremos encorajar as mulheres, mostrar que elas têm um potencial que pode ser usado para ocupar espaços junto no sistema, em união com seus esposos, suas famílias e toda a classe de produtores rurais. O objetivo é somar”, afirmou a coordenadora.



Lisiane Czech, coordenadora da Comissão Estadual de Mulheres da FAEP

Segundo a técnica do Departamento Sindical da FAEP Kelli Cardoso, que esteve à frente da organização do evento, a proposta é que as mulheres estejam envolvidas no processo de estruturação da Comissão desde as primeiras decisões. “É importante que tenha essa coparticipação para que se sintam pertencentes. Afinal, a Comissão Estadual de Mulheres veio para atender aos anseios destas produtoras rurais. Nada mais justo que seja criado com elas”, disse Kelli.

Troca de experiências

Um dos destaques do *workshop* foi a possibilidade de as participantes aprenderem umas com as outras, compartilhando experiências e estreitando relacionamentos. A produtora rural Ana Cristina Versari atua como presidente na Comissão de Mulheres do Sindicato Rural de Maringá, na região Norte. Com este trabalho, Ana Cristina acredita que é possível gerar impactos na forma de pensar das mulheres e, assim, trazê-las para mais perto do sistema sindical.

“De acordo com tudo o que nós realizamos até hoje, momentos e eventos exclusivos para as mulheres rurais, temos a certeza que elas podem replicar para seu cotidiano. Essa é a nossa preocupação, seja na Comissão em Maringá ou na FAEP, fazer um trabalho que possa repercutir na vida delas e, conseqüentemente, para aqueles que trabalham com o agro”, afirma Ana Cristina. “A FAEP tem tudo o que é necessário para poder implementar ações que promovam a conscientização, o conhecimento e o atuar dessas mulheres”, complementou Ana Cristina.

De Chopinzinho, no Sudoeste do Estado, a produtora Marisa Mior Acorsi está familiarizada com questões como o autoconhecimento e o empreendedorismo junto ao público feminino e, dessa forma, acredita que vai poder contribuir com o fortalecimento do potencial destas mulheres por meio da Comissão.

“A minha expectativa é que, realmente, possamos alavancar a participação das mulheres. Que elas vejam a importância nas propriedades rurais e que possam somar junto à família”, define Marisa. “Queremos que elas se sintam valorizadas e preparadas. E que sintam que a FAEP e o sindicato também são a casa delas”, reforça.



Ana Cristina Versari, de Maringá



Marisa Mior Acorsi, de Chopinzinho



CONFIRA O VÍDEO DA MATÉRIA

É fácil!

• Ligue a câmera do seu celular, aponte para o **QR Code**, acesse o link e assista. Caso não funcione, baixe um aplicativo leitor de QR Code.

• Ou assista ao vídeo da matéria no nosso site sistemafaep.org.br



SENAR-PR promove capacitação de condução de grupo para seus instrutores

Treinamento faz parte do ciclo contínuo de atualização dos profissionais. Duas turmas já passaram pela formação e outras 14 ainda vão acontecer nos próximos meses

Por Antonio C. Senkovski

O SENAR-PR começou, ainda em 2020, um trabalho de reciclagem do seu quadro de instrutores, para que esses possam aprimorar as habilidades utilizadas durante os cursos a campo. Desde o ano passado, uma série de atividades de formação vem sendo realizadas junto aos profissionais responsáveis por transmitir os conteúdos dos treinamentos da

entidade. Desta vez, o consultor do Sebrae-PR Celso Garcia abordou os aspectos de condução de grupo e como agir de modo adequado durante o processo.

Nos dias 22, 23 e 24 de fevereiro, a segunda turma de instrutores do SENAR-PR, de um total de 16, esteve reunida com Garcia, em Curitiba. Ao todo, 21 profissionais participaram do treinamento. Antes disso, eles tinham cumprido uma primeira fase, de oito horas, a distância.



Nessa fase, foram 24 horas de formação com diversas atividades

Nessa segunda fase, foram 24 horas de formação, nas quais houve o repasse de conteúdos, debates, dinâmicas e outras atividades práticas, como a gravação de pequenos vídeos. Ainda estão previstos mais dois encontros presenciais para que os instrutores deem *feedbacks* de como foi a aplicação dos conteúdos na prática, na hora de ministrar os cursos do SENAR-PR.

“A ideia é agregarmos ao que já é feito no SENAR-PR. Não estamos aqui querendo desconstruir. Nosso objetivo é trazer novos conhecimentos, novas formas de pensar os treinamentos, que possam contribuir para que possam atuar cada vez melhor, dentro das suas especialidades”, disse Garcia. “A gente está falando de um processo de ensino-aprendizagem e de como as pessoas se comportam nesse processo, identificando oportunidades do que pode atrapalhar durante a condução de uma determinada ação”, completou.

De acordo com a técnica do Departamento Técnico (Detec) do SENAR-PR Josimeri Grein, a atualização dos instrutores é uma prioridade que vem sendo fomentada, nos últimos anos, pelo SENAR-PR. “Em momentos como esse, o crescimento é tanto pessoal quanto profissional. Às vezes, há uma tendência de focar muito a questão técnica de como passar o conteúdo em si. Nesse programa de atualização, os instrutores estão aprendendo a ver cada produtor rural como um indivíduo único e como pode lidar com isso no grupo durante as capacitações”, refletiu Josimeri.



Na sala de aula

Para Guilherme Borges Bond, de Curitiba, instrutor de cursos na área de pecuária de leite, a reciclagem proposta pelo SENAR-PR ajuda na parte técnica e também auxilia no desenvolvimento do conteúdo pedagógico. “Chamou minha atenção a parte do estudo das relações interpessoais, como você identifica o comportamento das pessoas e como lidar com certos perfis. Isso faz com que consigamos ter um tratamento mais individualizado para que aprendam da melhor forma possível. Com certeza vai agregar e poderemos aplicar essas técnicas para melhorar, cada vez mais, nossos treinamentos”, apontou.

A instrutora de cursos na área de fruticultura Eneida Dolci, também de Curitiba, acaba de chegar no SENAR-PR e vai ministrar sua primeira formação. “Eu acho que a experiência foi muito válida. A gente chega com uma visão diferente em sala de aula com essas informações novas e isso vai ser muito importante na hora de ministrar os cursos. O uso destas ferramentas permite fazer com que o participante entenda o conteúdo da melhor maneira possível, facilita o entendimento e torna a aula melhor e mais produtiva”, contou.

No caso de Gian Ricardo Grechinski, de Prudentópolis, na região Centro-Sul, o desafio é agregar conhecimento nos cursos do Hortimais e no Programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA). “O público jovem, em especial, tem sempre muita energia, é algo muito bom para os cursos. Mas com esse treinamento vai ser melhor para lidar com diversas situações que possam ocorrer dentro de sala de aula. Principalmente a condução do grupo, de saber por exemplo como aplicar uma atividade em sala de aula de forma que ela seja melhor aproveitada pelo aluno”, disse.

Alcione Ristof, de Medianeira, no Oeste do Paraná, é instrutor de mecanização agrícola há 26 anos no SENAR-PR. Ele se mostrou entusiasmado com as novidades apresentadas na atualização. “A gente precisa ter uma melhoria contínua na nossa atividade. O que estamos vendo é que essa parte metodológica implica muito no ensino-aprendizagem na sala de aula e também nas práticas. Posso dizer com conhecimento de causa que a melhoria na casa sempre foi contínua, porque temos cobrança a nível de campo e o SENAR-PR por sua vez sempre nos dá todo o suporte”, recordou.



CONFIRA O VÍDEO DA MATÉRIA

É fácil!

- Ligue a câmera do seu celular, aponte para o **QR Code**, acesse o link e assista. Caso não funcione, baixe um aplicativo leitor de QR Code.

- Ou assista ao vídeo da matéria no nosso site sistemafaep.org.br



Santo Antônio da Platina cria projeto de vigilância local

Com amparo da Polícia Militar, Programa Vizinhança Solidária conta com ações de patrulha rural, placas de identificação nas propriedades e conexão direta com o 190

Por Bruna Fioroni

Os casos de roubos e furtos em propriedades rurais têm sido um desafio aos agricultores e pecuaristas paranaenses. A vulnerabilidade do meio rural, principalmente devido à localização afastada, faz com que produtores sejam “alvos fáceis” de quadrilhas. De acordo com a Secretaria de Estado da Segurança Pública (Sesp), nos últimos três anos, foram registrados mais de 2,3 mil roubos a propriedades rurais (quando há contato com a vítima, geralmente em situação de ameaça e/ou violência) e 19,2 mil furtos (em que os bens são levados quando a vítima não está no local ou não percebe a ação).

No Norte Pioneiro, a violência recorrente mobilizou produtores de Santo Antônio da Platina a criarem um projeto de vigilância na região. O Programa Vizinhança Solidária será implantado em uma parceria do sindicato rural do município, Conselho Municipal de Segurança Pública e Polícia Militar (PM), com o objetivo de aumentar o patrulhamento na zona rural e facilitar o contato com a polícia em situações de emergência.

Segundo a produtora rural Ligia Buso, que tomou a frente da organização do projeto, os produtores interessados serão cadastrados no sindicato e receberão placas de identificação com um *QR Code* para serem instaladas nas propriedades. Os dados (nome do proprietário, telefone, geolocalização, etc.) também estarão disponíveis na 4ª Companhia da

PM do 2º Batalhão, responsável pela região. A partir de uma conexão direta de um telefone celular com o 190 da PM, os produtores poderão acionar socorro em casos de emergência.

“Quando um produtor acionar socorro no grupo que tem a conexão com o 190, a PM vai identificar a propriedade e terá acesso a todas as informações, junto com a rota e o tempo até chegar no local dado por um GPS. Não será necessário passar o endereço na hora do chamado, principalmente porque na zona rural é mais difícil fazer essa localização sem a ajuda de um GPS”, explica Ligia.

Além da implantação de placas de identificação nas propriedades e conexão via telefone celular, o programa mobilizou a realização de uma patrulha rural. Para esse serviço, a Polícia Militar colocou à disposição uma caminhonete Mitsubishi L200, que será reformada por meio do rateio das despesas entre os produtores participantes. Atualmente, o programa conta com 53 propriedades rurais cadastradas.

Gado na mira

Diversos relatos de produtores da região do Norte Pioneiro, principalmente em Santo Antônio da Platina, indicam que a principal ação das quadrilhas é o furto de gado. As histórias chegam diariamente por *WhatsApp*, em um grupo criado para prospecção de produtores interessados em se cadastrarem no programa de vigilância.



ATUAÇÃO





O produtor rural Arnaldo Paiola já teve a propriedade invadida três vezes para furto de gado. “Quando eu localizei um dos meus animais, a polícia encontrou mais três cabeças na mesma propriedade, que haviam sido furtadas nas outras vezes”, conta. A ação na propriedade de Paiola foi relativamente pequena, mas há casos de furto de mais de 40 cabeças de gado nas propriedades vizinhas. “Os bandidos estão localizados em diversos pontos e são bem organizados para levarem tanto gado de uma vez. Ou seja, leva a crer que tem receptores grandes aí na região”, diz o produtor, que já se cadastrou no Programa Vizinhança Solidária. “Acredito que todo movimento, se bem feito, tem resultado. Estamos atuando, participando e estamos esperançosos”, afirma.

Segundo Ligia Buso, além dos relatos de roubos de animais adultos, chegam várias histórias de “sumiço” de bezerros e animais que são encontrados mortos na propriedade, sem as partes nobres. “Nós acreditamos que tem uma quadrilha especializada, o que fica mais difícil de combater. Por isso estamos tentando que essas propriedades fiquem mais protegidas”, aponta.

O presidente do Sindicato Rural de Santo Antônio da Platina, José Afonso Junior, ratifica a preocupação dos produtores com a violência na região e destaca o programa de vigilância como uma alternativa para reprimir a ação dos bandidos. “Desde o começo do ano passado, a gente tem se reunido com a Polícia Militar e a Polícia Civil para tentar minorar essa situação dos assaltos. Então, nos reunimos com o prefeito, que também é produtor, e ele abraçou a causa para a criação desse programa”, salienta.

“Acredito que todo movimento, se bem feito, tem resultado”

**Arnaldo Paiola,
produtor rural em
Santo Antônio da Platina**



Lígia Buso coordena o Programa Vizinhança Solidária

Vizinhança Solidária como referência para outros municípios

O Programa Vizinhança Solidária de Santo Antônio da Platina gerou mobilização em outros municípios do Norte Pioneiro, como Ribeirão Claro, Jacarezinho, Cambará e Carlópolis. Segundo Lígia Buso, cerca de 40 produtores já declararam interesse e esperam aderir ao programa. “A ideia é padronizar, mas cada sindicato será responsável pela administração no seu município, realização e manutenção dos cadastros e pelo contato com a Polícia Militar responsável por aquela área de atuação”, esclarece.

O produtor rural Antonio Dias Filho, de Jacarezinho, também já foi vítima de furtos na propriedade, e reforça a necessidade de um combate mais efetivo à ação destes criminosos. “Na minha fazenda, levaram cerca de 10 bezerras Angus. No meu vizinho, conseguiram levar 45 novilhas. Entraram na madrugada, amarraram os animais na caminhonete e levaram para um caminhão grande na beira da pista, cortaram os brinco e deixaram no chão da fazenda”, conta. “Acredito que um programa como esse em Jacarezinho vai intimidar os ladrões e diminuir esses casos”, analisa Dias Filho.

Segundo o presidente do Sindicato Rural de Jacarezinho, Eduardo Quintanilha Braga, foram realizadas algumas reuniões envolvendo os sindicatos rurais de Cambará, Ribeirão Claro e Carlópolis para o debate sobre a implantação de um modelo do programa de Santo Antônio da Platina. No caso de Jacarezinho, Braga adianta que será utilizado o mesmo sistema de placas de identificação com QR Code e geolocalização. “Esse sistema será ancorado na autoridade policial que cobre a nossa região [1ª Companhia do 2º Batalhão da Polícia Militar]. Nós estamos nos organizando para poder prestar esse serviço de apoio para o nosso associado”, destaca o presidente.

FAEP cobra mais ações no campo

A FAEP tem acompanhado a situação de furtos e roubos no campo e adotado providências, seja cobrando autoridades ou orientando os produtores rurais. Em 2019, a Federação enviou um ofício à Secretaria de Estado da Segurança Pública (Sesp), solicitando a criação de uma força-tarefa para investigar e desbaratar quadrilhas que têm como alvo propriedades rurais. Em 2017, a FAEP e o governo do Paraná publicaram uma cartilha com orientações aos produtores para minimizar a ação criminosa. A cartilha está disponível no site da entidade (www.sistemafaep.org.br), na seção Serviços.

Além disso, a FAEP também incentiva que os agropecuaristas participem dos Conselhos Comunitários de Segurança (Consegs). Na avaliação da Federação, a ação dos Consegs é uma forma de os produtores rurais participarem das decisões relacionadas às políticas de segurança dos municípios e de colaborar com as autoridades, fortalecendo uma rede entre sociedade e Polícias Civil e Militar.

Professora utiliza o 'mundo Agrinho' para iniciar o ano letivo

Nilva Graboski, de São Mateus do Sul, distribuiu lembranças temáticas com os personagens do programa do Sistema FAEP/SENAR-PR para os alunos

Em São Mateus do Sul, cidade na região Sul do Estado, os alunos da Escola Municipal Professora Ezilda Amaral Ferreira, mesmo a distância, tiveram um início de ano letivo diferente. Apesar das aulas presenciais ainda não terem retornado no município, a professora Nilva Elaine Graboski utilizou o Programa Agrinho, desenvolvido pelo Sistema FAEP/SENAR-PR, para preparar uma decoração especial com os personagens Agrinho, Aninha e Nando para dar as boas-vindas aos estudantes. Ainda, a docente entregou, por meio dos pais, lembrancinhas aos alunos.

“A ideia é inserir o aluno no mundo Agrinho mesmo que no ensino remoto. Eu coloquei a decoração como um incentivo para esperarmos o retorno das aulas presenciais. Os alunos estão recebendo as lembrancinhas para já entrar em contato com os personagens”, conta Nilva.

A docente, que se declara uma apaixonada pelo Programa Agrinho, destaca a importância da iniciativa no desenvolvimento dos alunos e na aproximação da família à comunidade escolar. Desde 2015, Nilva está envolvida com as atividades do Agrinho, seja como professora em sala de aula ou como assessora pedagógica na Secretaria de Educação do município, cargo que ocupou de 2017 a 2020.

“Nós desenvolvemos um trabalho com todas as escolas do município para incentivar os projetos de experiência pedagógica. Na época, muitos professores tinham uma certa resistência porque achavam que seria muito trabalhoso ou porque desconheciam como funcionava o programa. Montamos diversas capacitações, oferecemos orientações e os resultados foram muito bons. O número de experiências pedagógicas cresceu, o que melhorou o aprofundamento do conteúdo nas aulas”, afirma.

Enquanto Nilva atuava na Secretaria de Educação, o município chegou a firmar uma parceria com a cidade de Campina Grande do Sul para fomentar a troca de experiências educacionais dentro do Programa Agrinho, com realização de capacitações em conjunto. Em sala de aula, Nilva chegou a desenvolver dois projetos de experiência pedagógica: “Renascer das águas”, em 2015, e “Receita para um mundo melhor”, em 2016 – esse finalista da edição daquele ano do Concurso Agrinho.



Nilva Graboski se inspirou no Agrinho para motivar seus alunos

A docente acredita que uma das explicações para a paixão pela educação está na família. A mãe de Nilva, hoje com 70 anos, é professora do Ensino Fundamental e, em 2018, também esteve entre os 20 finalistas na categoria de experiência pedagógica, com um projeto sobre a história da erva-mate – produto que está intimamente ligado à memória do município.

“Para nós, o Agrinho é o maior incentivo à prática pedagógica e o programa que mais valoriza o trabalho do professor atualmente. A facilidade de trabalhar com o material, a oportunidade de explorar em várias disciplinas, o estímulo à criação de atividades e jogos, é uma infinidade de possibilidades. Nós também temos muito retorno positivo das famílias, o comportamento das crianças melhora e elas gostam muito de participar. É o olhar diferenciado do projeto que só vem para acrescentar”, define Nilva.

“O Brasil do futuro continua sendo o Brasil do agro”

Novo presidente do IPA, Nilson Leitão, diz que país deve aproveitar o momento político e desburocratizar licenciamentos ambientais e regularização fundiária

Recém-eleito presidente do Instituto Pensar Agropecuária (IPA), Nilson Leitão tem ampla experiência política e proximidade com o setor rural. No Mato Grosso, foi vereador e prefeito de Sinop e deputado estadual. Por oito anos, entre 2011 e 2019, foi deputado federal, onde desempenhou um papel fundamental junto ao agronegócio, integrando a bancada ruralista e se tornando líder da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA).

Como presidente do IPA, que representa 46 entidades do agro, Leitão tem como papel justamente subsidiar a FPA com estudos e informações técnicas, para que os parlamentares possam enriquecer sua argumentação e ajudar na sensibilização dos colegas, agilizando, assim, a aprovação de pautas importantes ao setor. Ele tem dois temas prioritários para este ano: a regularização fundiária e o licenciamento ambiental. Veja a entrevista exclusiva ao Boletim Informativo do Sistema FAEP/SENAR-PR.



Experiente, Nilson Leitão preside entidade que tem missão de subsidiar FPA com informações qualificadas

BI: Qual a dinâmica que o senhor pretende imprimir à frente do IPA?

Nilson Leitão: O IPA é um instituto relativamente novo, fundado em 2011, com intuito de dar retaguarda técnica ao Congresso Nacional, à FPA, para defender os temas do agro no Congresso, haja visto que o Brasil é um país que tem economia rural, mas com população majoritariamente urbana. A grande maioria dos congressistas é eleita pela área urbana e não tem conhecimento das demandas, das peculiaridades do agro. O instituto foi criado para dar informação técnica qualificada, para dar suporte ao Congresso nas nossas demandas, para acelerar o que precisa ser aprovado e desburocratizar o nosso setor. O meu papel como presidente é dar celeridade a esse processo, sempre com informações confiáveis e técnicas.

Quais são as demandas que o senhor considera mais urgentes?

São inúmeras demandas e obstáculos que temos que sobrepor, como o licenciamento ambiental, que está engavetado. O Brasil não pode continuar com essa burocracia, não só na hora de produzir, mas de resolver a nossa logística. Temos rodovias federais que estão há 20 anos com orçamento aprovado e que não se libera o licenciamento ambiental. A maioria da nossa estrutura logística está amarrada nessa burocracia ambiental.

Outra pauta é a regularização fundiária, algo básico. É impossível se discutir qualquer melhoria se você não tem o documento da terra. São temas em que é preciso argumentar com qualidade, com informação técnica, para que possamos convencer o Congresso e a opinião pública das nossas demandas.

Na política externa, começamos 2021 com uma grande novidade nos EUA, que é a saída de Donald Trump e a eleição de Joe Biden. Como essa mudança afeta o agro brasileiro?

É momento de o agro brasileiro não enxergar isso como problema, mas como oportunidade. Temos o maior ativo do mundo e precisamos transformar isso em oportunidade, em riqueza, e não ficar na defensiva. É uma boa oportunidade para o produtor brasileiro, quem mais preserva no mundo. Biden vai nos dar essa oportunidade por sua ideologia de preservar tudo ou quase tudo. É importante o Brasil ter uma boa comunicação externa em relação a isso e dizer: já somos o país com a legislação mais rígida e que mais preserva. Agora, precisamos do mundo e, principalmente, dos EUA para manter esse ativo vivo. É um momento rico para debater isso com o mundo de forma positiva e propositiva.

Internamente, a política também está de cara nova, com Arthur Lira na presidência da Câmara e Rodrigo Pacheco no Senado. Como o senhor vê essa nova configuração?

Não tenho dúvidas de que o presidente Jair Bolsonaro saiu vitorioso das eleições no Congresso. Mas o agro tem que se beneficiar disso, para que suas pautas sejam resolvidas. Temas indígenas, fundiários, ambientais e de crédito rural precisam ser resolvidos, aproveitando esse embalo dos novos presidentes. Bolsonaro reclamava que as coisas não andavam por causa do Rodrigo Maia [ex-presidente da Câmara]. Agora, o Lira tem essa dívida moral com Bolsonaro. Tem que haver essa pauta em comum. Cabe a nós fazermos uma cobrança sabia e muito clara.

Temos mais dois anos do atual mandato pela frente. O senhor acha que dá tempo de fazer essas mudanças?

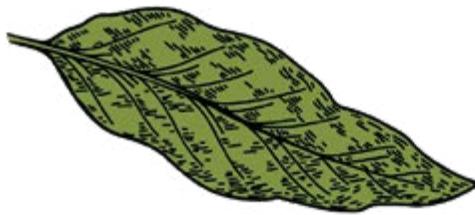
Tem que ser tudo em 2021. Regularizações fundiária e ambiental são prioridades. Se fizermos essas duas, já destrava muito o setor. São temas imprescindíveis. Na sequência, é claro, vamos lidando com outros, como a questão dos agrotóxicos e de crédito rural, de forma concomitante. Temos espaço para consolidarmos muitas vitórias ainda neste mandato.

Como ex-parlamentar, a experiência do senhor pode contribuir com esse relacionamento com o Congresso?

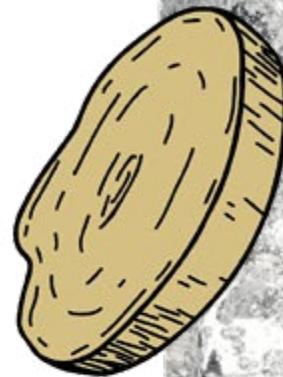
O protagonista sempre vai ser a FPA. Mas é claro que minha experiência de ter vivido na Câmara por sete anos como líder, de ter sido presidente da PFA, líder da oposição e partidário ajuda a compreender a linguagem do Congresso. Facilita muito nesse diálogo, que deve ser permanente.

Então as perspectivas são boas?

São maravilhosas, mas temos que fazer acontecer. Não podemos ficar comemorando o futuro. Temos que fazer o futuro acontecer. As palavras de ordem são trabalho, convencimento e argumentação técnica de qualidade. O Brasil do futuro continua sendo o Brasil do agro. O que precisamos fazer é que o outro lado do balcão, que é a área pública, entenda e desburocratize. Não significa liberar geral, significa ter leis claras e permanentes, que não mudem conforme os ventos de quem entre. Precisamos de segurança jurídica e direito à propriedade.



REFRIGERANTE COM GOSTINHO PARANAENSE



Criada por imigrantes italianos no Paraná, gengibirra atravessa décadas como um dos produtos identificados com o Estado

Como milhares de italianos, Ezígio Cini cruzou o Oceano Atlântico com o sonho de fazer vida nova na “América”. Após desembarcar no Brasil, o migrante se fixou na Colônia Cecília, em Palmeira, nos Campos Gerais – uma comunidade anarquista que ganhou notoriedade na época. Tido como um intelectual e idealista, Cini chegou a fundar o jornal “Il Diritto Libertário” – em que defendia direito dos trabalhadores –, inclusive acabou preso por sua atividade política. Mas o legado que Cini deixaria não estaria ligado ao Anarquismo, mas a uma bebida bastante identificada com o Paraná: a gengibirra.



Na Colônia Cecília, Ezígio Cini conheceu a também italiana Aldina Benedetti, com quem casou e teve filhos. No ambiente familiar, o migrante desenvolveu a fórmula da bebida, que preparava para que o clã consumisse aos fins de semana. O nome do refrigerante, aliás, surgiu da aglutinação de gengi (de gengibre) e birra (cerveja, em italiano). Na ocasião, embora não se tratasse de uma bebida alcoólica, a gengibirra era tratada como uma cerveja de gengibre, mesmo. Isso porque o produto passava por um processo de fermentação semelhante ao da cerveja.

Em 1904, a família Cini deixou para trás a colônia anarquista e se fixou em São José dos Pinhais, na Região Metropolitana de Curitiba (RMC). Ezígio firmou sociedade com Carlos Chelli e fundou a fábrica Cervejaria Esperança, que produzia água com gás e dois tipos de cerveja – uma clara, outra escura. A gengibirra, no entanto, não entrou na pequena lista de produtos da cervejaria, ficando restrita ao consumo familiar. A receita permanecia em segredo, guardada a sete chaves.

Na década de 1920, Ezígio faleceu. A família comprou a sociedade de Chelli e optou por remodelar o negócio. A fábrica foi rebatizada de Hugo Cini e Cia. Na década seguinte, Hugo decidiu arriscar desengavetar a velha receita da família e produzir a gengibirra em larga escala. O sucesso foi tamanho, que a gengibirra se mantém há quase nove décadas no imaginário e no cotidiano dos paranaenses. Em abril de 2019, o refrigerante foi reconhecido como patrimônio imaterial de Palmeira.

“É uma bebida que preserva até hoje a receita e os laços daqueles que a introduziram no Brasil ainda no século 19. E isso, por si só, já reforça sua importância histórica. É uma bebida que tem seu sucesso e história ligados com nosso município”, disse Waldir Joannasi Filho, então secretário de Cultura de Palmeira.

Até hoje a fórmula da bebida é mantida sob sigilo. Sabe-se que o processo de produção demora cerca de um ano. O gengibre é plantado pela própria empresa em Morretes, no Litoral do Paraná. Assim que chega à fábrica, a raiz permanece meses em processo de fusão em um extrato alcoólico, para garantir a preservação do gengirol, princípio ativo que dá sabor característico ao refrigerante. Assim, o gengibre colhido no primeiro semestre de um ano – entre janeiro e abril, de acordo com a sazonalidade do produto – só vai virar gengibirra no ano seguinte.

Atualmente, a Cini produz cerca de 5 milhões de litros de gengibirra por ano, consumindo em sua produção mais de 20 mil toneladas de gengibre. O sabor é o segundo mais vendido pela fábrica – só perde para o framboesa, atual líder na preferência dos consumidores. A gengibirra, hoje, é exportada para diversos outros países, fazendo com que o gostinho criado aqui no Paraná chegue a outras partes do mundo.



Inseto pequeno, prejuízo enorme

Cigarrinha do milho se multiplica no Paraná, colocando em risco a segunda safra. Enfrentamento do inseto e das doenças por ele transmitidas requer esforço conjunto de produtores e entidades



Por André Amorim

De 2019 para cá, o Paraná vem registrando um número assustador de lavouras infestadas pela cigarrinha do milho (*Dalbulus maidis*), inseto tinofo que se esconde no cartucho da planta inoculando agentes que causam doenças, os chamados “enfrazamentos” (vermelho e pálido), que podem levar à redução significativa da produção. Em algumas ocasiões, o prejuízo chega a 70%, com casos em que o milharal todo foi erradicado.

Desta forma, a performance histórica da safra 2019/20, quando o Estado colheu 15,5 milhões de toneladas do cereal, pode não se repetir na temporada atual. Pior, pode colocar em risco um momento ímpar da agricul-

tura paranaense, quando o grão está bastante valorizado, permitindo a capitalização dos produtores (leia mais na página 22).

Diante disso, diversas instituições de pesquisa, órgãos de governo e representantes do setor produtivo, inclusive o Sistema FAEP/SENAR, estão debruçados sobre este problema em busca de soluções conjuntas. O objetivo é levar informação técnica de qualidade para o campo para preparar os produtores, que até pouco tempo atrás conviviam de forma pacífica com o inseto, a combatê-lo com todas as armas disponíveis. “A melhor estratégia para combater a cigarrinha é pensar em soluções conjuntas e nunca de forma

isolada. A pesquisa vem demonstrando que ações combinadas e adotadas em nível regional, como plantio sincronizado e rotação de cultivares, podem ter bons resultados”, afirma Ana Paula Kowalski, técnica do Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP.

Sozinha, a cigarrinha não é capaz de causar prejuízos significativos. O problema está nas doenças que ela carrega e transmite às plantas saudáveis. Essas doenças (enfrazamento causados por bactérias e a “risca do milho” causada por vírus) prejudicam o desenvolvimento das espigas, o enchimento dos grãos, favorece o apodrecimento do colmo e, por fim, o tombamento da planta. Tal qual o mosquito da dengue



junto aos seres humanos, a cigarrinha é um vetor de doenças. Quando ela pica o pé de milho, inocula nele os agentes causadores de doenças. Isso explica a pouca eficácia do controle químico nestas situações.

Excesso de inseticidas

A nota técnica divulgada pela Adapar, no final de fevereiro, mostra o aumento significativo na quantidade de inseticidas aplicados nas lavouras de milho para controle da cigarrinha no Estado. O volume empregado na safra verão 2020/21 foi cerca de seis vezes maior que o utilizado na safra anterior, passando de 6.386 litros para 36.284

litros. “O controle com inseticidas não é tão efetivo porque a praga precisa se alimentar da planta para entrar em contato com o inseticida e morrer. Mas, quando ela morde a planta, já transmite as doenças”, observa o coordenador do programa vigilância e prevenção de pragas em cultivos agrícolas e florestais da Adapar, Márcilio Martins Araújo. Além disso, como a praga se desloca com muita rapidez, pouco tempo após a aplicação, já está de volta à lavoura.

Segundo Araújo, hoje a cigarrinha está presente em todo Paraná. A Adapar coletou 64 amostras em diversas regiões, em novembro de 2020, e constatou que 40% do total estavam

contaminados com enfezamentos pálido e vermelho. “Todas as regiões produtoras comerciais de milho têm a doença”, sentencia Araújo.

De acordo com ele, isso se explica pela facilidade de o inseto sobreviver em campo e se multiplicar migrando de lavouras mais velhas para mais novas. “A cigarrinha encontra plantas verdes para servir de hospedeiro praticamente o ano inteiro, pois temos o milho primeira e segunda safras, além do plantado para silagem e o verde”, observa Araújo. Desta forma, a cigarrinha conta com farta disponibilidade de plantas para sobreviver e se multiplicar ao longo de todo ano, expandindo sua área de atuação.

Diferença de cultivares

No caso do produtor Edilson Gorte, de Palmeira, nos Campos Gerais, a cigarrinha chegou de forma inesperada nesta safra 2020/21. Sua família produz milho em escala comercial na região há 40 anos, mas até então nunca havia se incomodado com o inseto. “Fomos pegos de surpresa. Já sabíamos da existência desse inseto vetor nas regiões de Minas Gerais, Mato Grosso e até no Paraná, nas

regiões Norte e Nordeste. Mas sabíamos que ele não se deslocava por muitos quilômetros. Além disso, em nossa região não fazemos a safrinha”, afirma o produtor que não esperava encontrar problemas tão sérios por conta da praga.

Com 408 hectares dedicados ao milho na temporada atual, Gorte trabalhou com híbridos tolerantes aos enfezamentos e outros suscetíveis. As diferenças ilustradas nas fotos das lavouras falam por si só. A área plantada com os culti-

vares suscetíveis foi praticamente toda destruída pelas doenças.

A escolha de variedades resistentes ou tolerantes aos enfezamentos é uma das principais estratégias de controle. A resistência genética de alguns híbridos proporciona níveis de produtividade muito superiores àqueles sem resistência, de modo que vale à pena pesquisar quais as variedades mais estão disponíveis na sua região e optar por elas na hora da semeadura.



Na lavoura de Edilson Gorte, a diferença entre um híbrido tolerante...



...e um híbrido suscetível às doenças da cigarrinha do milho

Produtividade ameaçada

Na visão do produtor e presidente do Sindicato Rural de São João, na região Sudoeste, Arceny Bocalon, a chegada da cigarrinha nas lavouras veio acompanhada de perdas significativas. “Por aqui, o pessoal teve prejuízo. Há uns dois, três anos fechamos 210 sacas por hectare. Esse ano passou um pouco das 82 sacas por hectare. Isso por causa da cigarrinha, pois o milho não se desenvolve. Dá

até raiva de entrar na lavoura”, avalia.

Na lida com o milho desde “piá”, Bocalon conta que nunca viu uma infestação como essa. “Começou a atingir a região há uns três anos, veio vindo aos poucos, os produtores não tomaram cuidado e agora a cigarrinha tomou conta”, lamenta.

O receio no momento é que a safrinha, que representa uma área muito maior dedicada ao cereal no Paraná, vá a campo em um ambiente repleto de cigarrinhas. “O milho verão pega um

pouco da cigarrinha que sobreviveu no milho guaxo, no milho silagem. Dessa forma, a população que chega no milho verão é menor. O problema é que essa população se multiplica ao longo dessa primeira safra. Entre fevereiro e março ocorre o pico populacional da cigarrinha. Então, esse milho que está entrando agora, que é mais suscetível, vai encontrar um campo cheio de cigarrinha”, alerta o pesquisador da área de fitopatologia da Embrapa Milho e Sorgo, Luciano Viana Cota.

Fuja da cigarrinha

Alguns cuidados são fundamentais para evitar que essa praga continue prejudicando a produtividade das lavouras de milho do Estado



Elimine o milho voluntário: As plantas de milho voluntário, também conhecidas como tiguera ou guaxo, servem de ponte verde para que as cigarrinhas continuem vivas no campo até a próxima safra



Evite plantar milho próximo às lavouras com alta incidência dos enfezamentos: A ocorrência destas doenças pode indicar a presença de cigarrinhas na área



Sincronize ao máximo a época da semeadura: Lavouras em diferentes estágios favorecem a migração do inseto de áreas mais velhas para mais novas



Trate as sementes com inseticidas eficazes no controle da cigarrinha: Essa medida vai proteger a planta nos primeiros estágios, quando ela está mais vulnerável



Monitore a área e utilize o controle químico de acordo com a recomendação: Aplicações após os 40 dias da emergência e superiores a três costumam ser pouco efetivas



Diversifique e rotacione os híbridos de milho: Você pode optar por variedades tolerantes às doenças transmitidas pela cigarrinha



Fonte: Sistema FAEP/SENAR-PR

Milho guaxo é vilão

Sabe aquele milho tiguera, que nasceu sozinho no campo e aparentemente não faz mal a ninguém? O milho guaxo, ou voluntário, que decidiu se desenvolver ali mesmo, à revelia da vontade do agricultor? Pois bem, ele pode estar guardando pragas e doenças prontas para atacar seu milharal assim que a próxima safra começar.

Uma das principais estratégias da cigarrinha do milho para se perpetuar nas lavouras é permanecer em campo nestas plantas solitárias, onde sobrevivem e se multiplicam até encontra-

rem a próxima safra nas redondezas. O milho tiguera funciona como uma “ponte verde” pela qual o inseto atravessa de uma safra para outra.

Segundo a entomologista e pesquisadora da Embrapa Milho e Sorgo, Simone Mendes, na última década, com a introdução de cultivares resistentes à herbicidas, a eliminação do milho voluntário ficou mais difícil no campo. “Com isso criou-se essa ponte verde do inseto, que ficou difícil de controlar”, observa. A falta de controle eficiente destas plantas é um dos grandes responsáveis pelo aumento das infestações desta praga.

Além de um “hotel” de cigarrinhas, estas plantas voluntárias também se tornam hospedeiras dos patógenos que promovem doenças, em especial mollicutes causadores dos enfezamentos vermelho e pálido. “Eles colonizam o floema da planta e, ao fazer isso, entopem o fluxo de seiva. Com isso o crescimento fica difícil, ela fica ‘enfesada’, isto é, não cresce e não enche a espiga”, explica Simone.

Desta forma, a erradicação das plantas voluntárias de milho consiste em uma das estratégias mais acertadas para o enfrentamento da cigarrinha do milho.

MIP Milho é aliado contra a praga

Outra ferramenta importante no controle da cigarrinha do milho é o monitoramento constante da lavoura. “Monitorar e entender o que está acontecendo na lavoura é fundamental. Uma praga comum no Paraná é o percevejo barriga verde, e o produto para controle desse inseto tem efeito na cigarrinha do milho. Entender a lavoura como um todo é passo fundamental para escolher as estratégias de controle e ter economia”, observa a entomologista e pesquisadora da Embrapa Milho e Sorgo, Simone Mendes.

O SENAR-PR oferece, desde 2016, o curso “MIP (Manejo Integrado de Pragas) – inspetor de campo – Soja”, que leva ao campo um co-

nhecimento fundamental: identificar os insetos que existem na sua lavoura, diferenciando as pragas dos seus inimigos naturais e assim podendo avaliar o risco de dano econômico e a hora mais apropriada de realizar uma intervenção com agroquímicos.

Em 2020, o SENAR-PR levou a campo o curso “MIP (Manejo Integrado de Pragas) – Milho”, com os mesmos conhecimentos para a cultura do milho. Por conta da pandemia do novo coronavírus, as aulas tiveram que ser suspensas naquele ano, mas voltaram a ser oferecidas em 2021.

Segundo a técnica Flaviane Me-deiros, do Departamento Técnico (Detec) do SENAR-PR, no início deste ano os instrutores do curso passaram por uma atualização, ministrada pela Embrapa Milho e Sorgo e pelo

IDR-PR, para incluir a cigarrinha do milho entre as pragas com risco de dano econômico na cultura.

Para participar do curso, o aluno precisa ter completado o curso na área de MIP Soja. “Se o produtor já fez o MIP soja, ele já acredita nessa metodologia, então vai apenas aplicar esse conhecimento na cultura do milho”, afirma Flaviane.

O curso é extremamente prático. “Tem apenas uma aula teórica e o restante é prática de campo”, afirma Flaviane. Para participar, o aluno deve dispor de uma área de dois hectares de milho, para realizar o monitoramento.

Mais informações sobre os cursos do SENAR-PR estão no site www.sistemafaep.org.br, na seção Cursos.

Informação é o melhor remédio

Uma das armas encontradas para enfrentar a cigarrinha do milho e as doenças por ela transmitidas é a conscientização dos produtores. Desta forma, a cartilha “Manejo da Cigarrinha e Enfezamentos na Cultura do Milho”, desenvolvida pela Embrapa Milho e Sorgo com apoio do Sistema FAEP/SENAR-PR, em parceria com Sistema Ocepar, Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), Embrapa Milho e Sorgo e o Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná (IDR-PR), traz uma série de informações sobre o comportamento inseto no campo, as doenças que ele transmite, as principais formas de detecção e, principalmente de controle da praga. A cartilha está disponível gratuitamente no site do Sistema FAEP/SENAR-PR (www.sistemafaep.org.br), na seção Serviços.



Memória do Campo



Para otimizar o seguro rural

A gestão de riscos por meio do seguro rural foi um dos destaques nas páginas do Boletim Informativo, há quase oito anos. Na edição 1227, de agosto de 2013, a publicação trouxe uma matéria detalhando uma série de propostas da FAEP para otimizar o seguro rural nas lavouras de todo o Brasil.

Entre as sugestões, estavam, por exemplo, a ampliação do credenciamento de novas seguradoras, a ampliação do acesso aos benefícios aos produtores enquadrados no Pronamp e de transparência na informação dos seguros disponíveis no programa. Essas e outras propostas foram acatadas pelo governo federal.

Na ocasião, o governo federal destinou R\$ 700 milhões ao seguro rural, no âmbito do Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR). Naquele ano, a lavoura segurada no Paraná foi avaliada em R\$ 3,2 bilhões e os produtores paranaenses contrataram, no total, mais de 30,9 mil apólices de seguro.

Historicamente, o Paraná é o Estado que mais contrata seguro rural, com cifras crescentes. Em 2019, a importância segurada chegou a R\$ 5,2 bilhões, em mais de 38,1 mil apólices contratadas. Toda essa evolução tem participação decisiva da FAEP, que ao longo das décadas vêm desenvolvendo ações e levando informações aos produtores rurais, a fim de disseminar a prática dessa importante ferramenta de gestão de riscos.



**BAIXE A
CARTILHA DIGITAL**

É fácil!

• Ligue a câmera do seu celular, aponte para o **QR Code**, acesse o arquivo digital.
Caso não funcione, baixe um aplicativo leitor de QR Code.

• Ou faça o download no nosso site sistemafaep.org.br na seção Serviços.



Preço mexe no equilíbrio do milho

Paraná consome praticamente todo o grão que produz. Novos investimentos para produção de proteína animal vão aumentar ainda mais a demanda nos próximos anos

Por Antonio C. Senkovski

Com os preços mais altos da história (acima de R\$ 70 a saca), a estratégia para garantir milho à produção de proteínas animais tem se tornado um desafio à cadeia produtiva no Paraná. Com a perspectiva de manutenção da cotação nesse nível nos próximos meses pela conjuntura político-econômica, fica a dúvida em relação ao ponto de equilíbrio para garantir rentabilidade com a produção de proteínas animais. Afinal, o milho é o principal componente da ração, especialmente, na criação de frangos e suínos.

Ainda, é preciso considerar no planejamento do milho o possível aumento nas exportações de proteínas animais nos próximos anos. Isso porque o Paraná está em vias de conquistar o reconhecimento como área livre de febre aftosa sem vacinação pela Organização Mundial da Saúde Animal (OIE). Com a chancela do órgão internacional, a expectativa é que os produtos paranaenses consigam acessar mercados que exigem essa condição sanitária para as negociações, como Japão, Coreia do Sul e Estados Unidos.

O reflexo dessa perspectiva se reflete há alguns anos nos investimentos feitos por cooperativas e agroindústrias em todo o Paraná. A Frimesa, por exemplo, está construindo, em Assis Chateaubriand, na região Oeste, uma planta processadora de suínos de R\$ 2,5 bilhões, que no auge da produção deve abater 15 mil animais por dia. Além disso, outras empresas também têm anunciado investimentos para ampliar, nos próximos anos, as exportações, aproveitando as portas abertas de novos mercados.

Outro aspecto a se considerar é que hoje o Paraná já consome praticamente todo o milho produzido internamente, parte pela cadeia de proteína animal, parte exportado e parte por outros setores. Em 2020, segundo Departamen-





to de Economia Rural (Deral) da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Paraná (Seab), 1,2 milhão de toneladas de milho foi comercializada no mercado internacional, 4,6% de todo o cereal embarcado pelo Brasil. A produção estadual na safra 2019/20, somando primeira e segunda safras, ficou em 15,2 milhões de toneladas, com 77% da produção concentrada na safrinha.

Apesar da expectativa de que continue havendo aumento da produtividade nos próximos anos, o que ajuda a atender a demanda pelo grão, existe a chance da necessidade de trazer mais milho de outros Estados. De acordo com o técnico Edmar Gervásio, do Deral, não há risco de faltar milho. Mas, olhando para as experiências dos vizinhos Rio Grande do Sul e Santa Catarina, é possível prever que pode ocorrer a necessidade de “importar” mais cereal do Mato Grosso e Goiás.

“Podemos dizer que a produtividade do milho no Paraná cresce entre 3% a 5% por safras boas [sem grandes intempéries climáticas]. Então, nosso potencial produtivo em condições normais é de até 17 milhões de toneladas, com 3,5 milhões na primeira e 13 milhões na segunda. Estruturalmente, a questão da oferta e demanda se adequa. Se tivermos um aumento significativo na demanda, temos capacidade de ter milho no mercado doméstico, mas provavelmente a um preço mais alto”, esclarece.

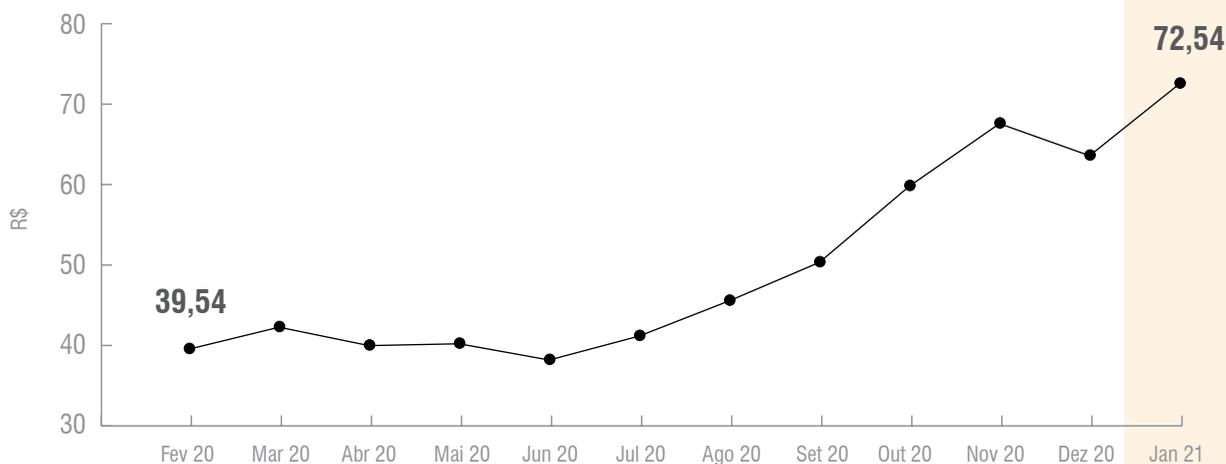
Novas estratégias

Ana Paula Kowalski, do Departamento Técnico e Econômico (DTE) da FAEP, considera que a área plantada na primeira safra até teria possibilidade de aumentar, desde que fosse uma opção de interesse comercial. Mas a soja, que corre menos riscos de perdas por problemas climáticos e tem maior liquidez internacional, é a preferência absoluta dos produtores na safra de verão. Atualmente, são 5,5 milhões de hectares plantados com a oleaginosa contra 360 mil hectares do cereal na primeira safra.

“Uma das possibilidades para evitar sustos é o que algumas cooperativas têm feito, de incentivar o plantio de milho verão para produzir ração. Há também outras iniciativas, como o fomento do sorgo, que tem janela de plantio maior do que o milho e que também pode ser utilizar na indústria de ração. O novo equilíbrio vai depender muito desse alinhamento comercial. Porque se o produtor for pôr na ponta do lápis sempre vai escolher o que é mais fácil comercializar e o que tem melhor rentabilidade”, analisa Ana Paula.

A capacidade de estocagem também tem trazido uma certa tranquilidade para a cadeia de proteína animal. “Antes, o milho saía da fazenda, passava pelo beneficiamento e seguia praticamente direto para a granja. Hoje, as cooperativas e indústrias de carne estão estocando mais, com margem para um ou dois anos. Vemos isso a partir da primeira crise de 2017, quando o preço saiu de R\$ 20 para R\$ 45”, explica Gervásio.

Evolução do preço do milho no Paraná (saca de 60 kg)



Fonte: Deral/Seab

Preços em alta

O analista de mercado Camilo Motter, da Granoeste, explica que o dólar alto somado ao cenário positivo do preço internacional levou a uma condição extremamente favorável a cotação do milho. “A indústria de carnes está tendo bastante dificuldade nesse patamar que está se sustentando [o preço do milho]. Podemos ter uma situação de muitas integrações terem dificuldade nesse primeiro semestre”, analisa.

Motter prevê que só vai haver alguma perspectiva de queda nos preços se houver uma boa segunda safra no Brasil. “Imaginamos que daqui até junho vai se manter alto, talvez até acima dos R\$ 70 a saca. E considerando a conjuntura econômica intervencionista do governo, é possível prever que os preços não vão voltar tão cedo a patamares inferiores, de R\$ 40, como tínhamos nessa mesma época, no ano passado”, aponta o analista.

“Considerando a conjuntura econômica intervencionista do governo, é possível prever que os preços não vão voltar tão cedo a patamares inferiores”

Camilo Motter,
analista de mercado

Sorgo aparece como alternativa para o milho

No Oeste do Paraná, uma indústria integradora tem testado a estratégia de incentivar os produtores a plantarem sorgo. Os testes começaram em 2019/20, com um trabalho de divulgação no meio rural e a oferta de suporte técnico. O plantio do cereal já ocorre em outros Estados, com resultados interessantes. No primeiro ano do projeto, foram cultivados 670 hectares. Por causa de problemas climáticos, a produtividade média ficou entre 70 a 75 sacas por hectare, abaixo do potencial (de 90 a 100 sacas por hectare).

A intenção é dar continuidade ao projeto nesta temporada. O atraso no plantio e na colheita da soja por problemas climáticos atrapalhou o início da semeadura do sorgo. Até o fim de fevereiro ainda não era possível, segundo a indústria integradora, calcular quantos hectares devem ser cultivados nesse ano.

A grande vantagem do sorgo é a janela até o dia 15 de março para o plantio. Ainda, o ciclo de desenvolvimento é mais curto, o que também reduz o risco de geadas precoces e regime mais seco de chuvas do inverno.

Um dos reflexos da produção de sorgo na região Oeste foi a demanda ao SENAR-PR pelo curso de classificação de grãos voltada para sorgo, mobilizado pelo Sindicato Rural de Medianeira. A intenção era realizar a formação ainda em 2020, mas a pandemia adiou os planos e o capacitação ficou para esse ano. Ao todo, 12 funcionários da indústria integradora que trabalham no recebimento dos grãos vão participar do treinamento, que ocorre no dia 29 de março.

Exportação pelos portos do Paraná registra recorde em 2020

Movimentação atingiu 57,3 milhões de toneladas, com destaque para a soja, açúcar, farelos e carnes



Os portos de Paranaguá e Antonina registraram nova marca história na movimentação de mercadorias, consolidando 2020 como o melhor ano das exportações paranaenses. Foram 57,3 milhões de toneladas movimentadas (importações e exportações) – 8% a mais que em 2019 (53,2 milhões). Dos produtos exportados, a soja foi o carro-chefe, com 14,3 milhões de toneladas e crescimento de 27% ante 2019 (11,3 milhões). Os dados foram divulgados no relatório gerencial da Administração dos Portos de Paranaguá e Antonina (Appa).

Na avaliação do consultor de logística da FAEP, Nilson Hanke Camargo, o recorde atingido comprova a competência dos portos paranaenses, com alto nível técnico na capacidade operacional e excelência em gestão. “Esse resultado denota a competência dos portos em conseguirem movimentar toda essa cadeia, mesmo em um ano de pandemia, e tendo em vista que os investimentos ainda são aquém do necessário ao considerar uma movimentação tão grande”, afirma.

Da carga movimentada em 2020, 65% foram de grânéis sólidos (26,5 milhões de toneladas). As embarcações de soja correspondem a 54% deste total. Na sequência, estão os farelos (22%); açúcar (15%); e milho (9%). No total de produtos movimentados, somando carga geral, grânéis sólidos e líquidos, as exportações pelos portos paranaenses somaram 36,3 milhões de toneladas.

“Outra questão a se observar é que choveu pouco no ano passado. Os grânéis não embarcam em dias de chuva, porque

há risco de contaminar a produção que está sendo carregada. Então, um ano menos chuvoso colaborou para que a gente pudesse exportar mais e mais rápido”, aponta Camargo.

Além do crescimento das embarcações de soja, o açúcar também registrou alta de 61%, com 3,4 milhões de toneladas ante 2,4 milhões em 2019, e os farelos, de 11%, com 5,7 milhões de toneladas em 2020, superando as 5,2 milhões de toneladas comercializadas no ano anterior.

Por outro lado, as embarcações de milho pelos portos de Paranaguá e Antonina caíram 55% – foram apenas 2,5 milhões de toneladas, em comparação às 5,7 milhões em 2019. O trigo também sofreu queda, acumulando 16 mil toneladas exportadas, 12% a menos que em 2019, com 14 mil.

Provêm do Paraná 80% da soja embarcada por Paranaguá e Antonina (11,3 milhões de toneladas), 59% do farelo de soja (2,9 milhões de toneladas) e 79% do milho (1,9 milhão de toneladas).

Importação

Os fertilizantes são o destaque da lista de produtos que chegaram aos portos do Estado em 2020. Foram 9,9 milhões de toneladas, crescimento de 7% em relação a 2019 (9,2 milhões). Entre as principais mercadorias importadas, que incluem cevada, malte, trigo e sal, os fertilizantes foram os únicos produtos cujas comercializações cresceram em 2020.



Brasileiro come menos carne, mas setor tem boas perspectivas

Consumo recuou ao patamar de 15 anos atrás, mas reconhecimento internacional deve colocar proteínas do Paraná nos principais mercados do mundo

Por Felipe Aníbal

O brasileiro comeu menos carne bovina no ano passado. Pressionado por um aumento expressivo dos preços no varejo e pelos reflexos econômicos causados pela pandemia do novo coronavírus, o consumo despencou 10,5% em 2020, segundo **levantamento** do Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP. Em média, cada brasileiro consumiu 27,3 quilos de carne ao longo do ano passado – o mesmo patamar de 15 anos atrás. O auge havia sido registrado em 2013, quando a média chegou a 33 quilos *per capita*. Apesar do recuo, as perspectivas são positivas para o setor produtivo. Com a dis-

ponibilidade reduzida de animais, a cotação da arroba tende a continuar a níveis altos – em torno dos R\$ 300. Apesar de o mercado interno continuar sendo o principal destino do setor, as exportações tiveram uma alta significativa no ano passado, o que contribuiu para o cenário favorável.

A queda do consumo passa, necessariamente, pela conjuntura econômica. Em um ano em que a taxa de desemprego saltou de 11,3% para 14,3% e que mesmo o setor informal também foi afetado pela pandemia, o Brasil viu uma parcela significativa da sua população perder renda. Com os preços

Levantamento

Para o cálculo do consumo, o levantamento leva em conta a produção anual de carne bovina, aferida pelo IBGE. À produção, soma-se o volume importado. Desse total, subtrai-se o que foi exportado, chegando-se à disponibilidade interna. O consumo é calculado dividindo-se a disponibilidade interna pela população.

Produção + importação – exportação = disponibilidade interna
Disponibilidade interna ÷ população = consumo per capita

Exemplo do ano de 2020

Produção	Importação	Exportação	Disponibilidade interna
7,7 milhões de toneladas	+ 50 milhões de toneladas	- 2 milhões de toneladas	= 5,7 milhões de toneladas
Disponibilidade interna	População	Consumo	
5,7 milhões de toneladas	÷ 211,8 milhões de habitantes	= 27,3 quilos per capita	

da carne bovina em alta, muitos consumidores se viram obrigados a migrar seus hábitos para outros tipos de proteína animal – como aves, suínos e ovos. A queda no consumo só não foi maior em razão do auxílio emergencial, pago pelo governo federal – em parcelas de R\$ 600, que beneficiaram 64 milhões de pessoas.

“A situação econômica foi determinante nesse contexto e essa instabilidade deve prevalecer em 2021. Há muitas incertezas em relação à retomada das atividades plenas e sobre o ritmo da vacinação, o que poderia contribuir para a retomada do consumo de carne bovina”, explica Guilherme Souza Dias, técnico do DTE da FAEP, responsável pelo levantamento.

“A queda no consumo foi freada pelo auxílio emergencial, mas só isso não bastou. No Paraná, por exemplo, o preço da carne bovina subiu 35% no varejo. Isso faz com que os consumidores migrem a outro tipo de carne. E a gente não vê tendência de que isso mude significativamente no curto prazo”, avalia Rodrigo Tannus de Queiroz, analista de mercado da Scot Consultoria.

Mercados interno e externo

Historicamente, o mercado interno é decisivo para a bovinocultura de corte. Em média, 80% da produção são voltadas ao consumo doméstico, enquanto 20% têm como destino o mercado externo. Em 2020, o mercado brasileiro continuou a ser determinante, mas as exportações aumentaram sua parti-

cipação: 26% da produção foram comercializadas com outros países. O destaque foi a China, que, além das consequências da pandemia, também enfrenta reflexos da Peste Suína Africana, que dizimou entre até 60% do seu rebanho de suínos.

“A China comprou 71% da carne bovina que exportamos. Esse aumento das exportações também ajudou a manter os preços aquecidos no mercado interno”, observa Queiroz. “O nosso boi é competitivo internacionalmente. Somos um dos únicos países com plenas condições de atendimento ao mercado internacional. E isso deve se manter em 2021”, acrescenta Souza Dias.

Outro fator também tem bastante peso nessa equação: o dólar. Com a cotação da moeda americana acima dos R\$ 5 (bem acima dos anos anteriores), a exportação se consolida como uma alternativa rentável aos frigoríficos. Essa dinâmica, é claro, exerce influência direta no mercado interno e também contribui para alavancar os preços da arroba.

“Não é difícil de entender: com o dólar alto, o mercado internacional se torna bastante atrativo, dando a vasão que a população nacional, com renda comprometida, não tem sido capaz. Isso mexe com a relação de oferta e demanda no mercado interno e com os preços”, aponta Souza Dias.

Neste sentido, 2021 se abre uma perspectiva ainda mais favorável: em maio, o Paraná deve conquistar o novo *status* sanitário de área livre de febre aftosa sem vacinação, chancelado pela Organização Internacional de Saúde Animal (OIE). (Leia mais na página 29).

Dentro da porteira

Além de aspectos de economia e de mercado, um fator dentro da porteira ajuda a explicar porque, apesar da queda do consumo, os preços continuam em alta: a falta de animais terminados para o abate. Nos anos anteriores, aumentou o descarte de fêmeas, o que fez com que a oferta de bezerros se reduzisse nos anos seguintes e, na sequência, de animais terminados. Agora, entre 2020 e 2021, além dos fatores mencionados, a retenção de matrizes agrava o cenário de animais prontos para ir ao gancho. Um cenário que não deve ter alterações no médio prazo.

“Simplesmente não se acha boi. Prevalece a relação oferta e demanda. Os preços se mantêm sustentados”, resume Souza Dias.

Em razão desse cenário – oferta reduzida, câmbio alto e exportações atrativas –, os especialistas apostam que a arroba tende a avançar em 2021 estabilizada em um patamar de alta. Na última semana de janeiro, por exemplo, a cotação subiu 0,7% na praça de São Paulo – referência para o país.

A oscilação indica a tendência de estabilidade, mas com a permanência dos preços em torno dos R\$ 300.

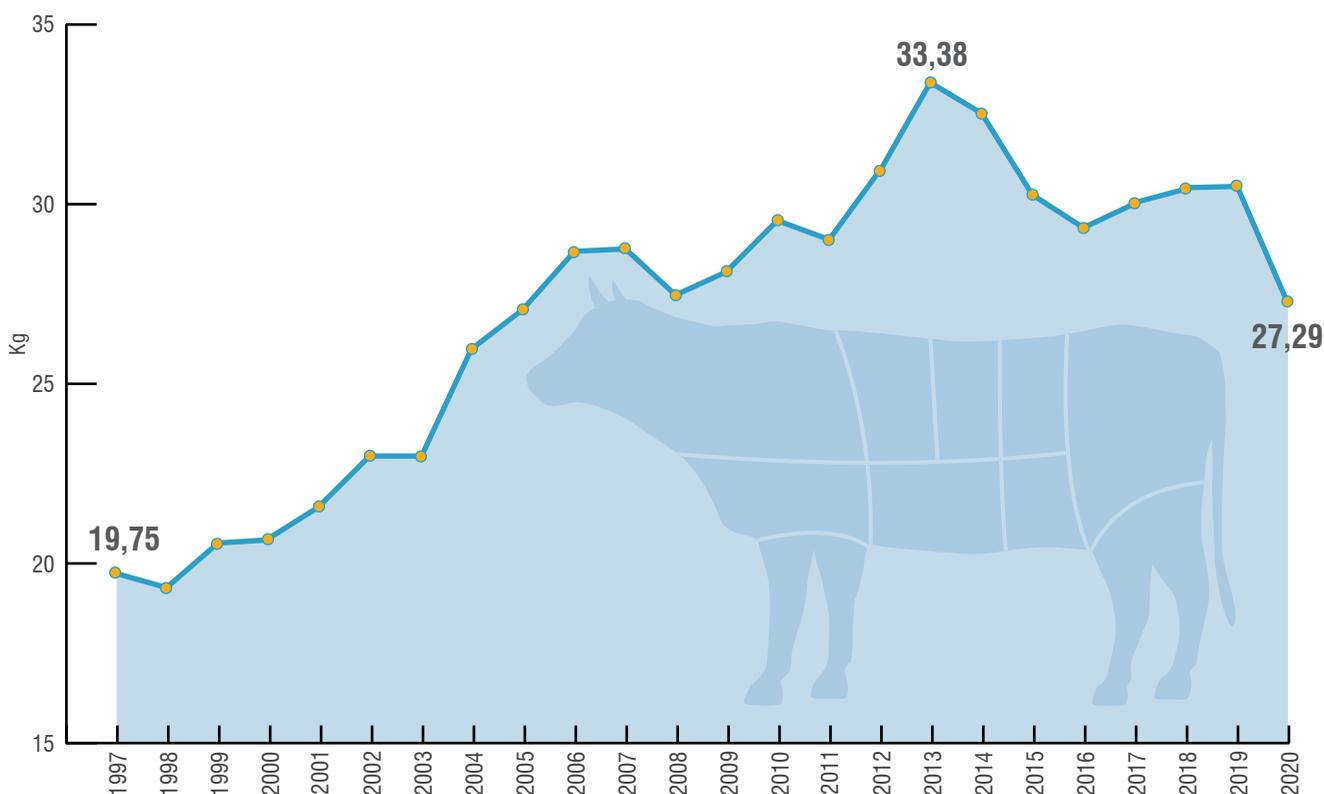
“Para o consumidor brasileiro, será um ano difícil, com preços altos. Não estamos nem próximo de conseguir estabilizar a demanda interna. Os preços devem seguir firmes ao longo do ano. Mas é claro que há um teto. A partir do momento em que a indústria começar a operar em negativo, não haverá espaço para altas”, analisa Queiroz.

Apesar das perspectivas de preços sustentados, Souza Dia faz uma ressalva: o viés de estabilização em alta não significa, necessariamente, ganhos da porteira para dentro. Se por um lado o câmbio favorece as exportações, por outro, aumenta os custos de produção do pecuarista.

“A pressão é muito grande. Milho e farelo de soja [itens da ração] estão com preços recordes e o produtor já tem dificuldade de encontrar esses insumos. Isso deve comprometer o desempenho do confinamento, que age como um amortecedor para as grandes variações de mercado em períodos de seca”, diz o técnico do DTE.

Evolução do consumo

Veja quantos quilos de carne bovina cada brasileiro, em média, consumiu em cada ano, desde o início da série histórica



Elaboração: DTE/FAEP

Novo *status* sanitário deve abrir mercados para o Paraná

O reconhecimento internacional do Paraná como área livre de febre aftosa sem vacinação colocará o Estado no mais elevado patamar de segurança alimentar. O novo *status* deve derrubar por terra a restrição que alguns países ainda mantêm em relação a produtos que provêm de regiões sem a chancela mundial. Isso deve fazer com que as carnes produzidas no Paraná – não só as bovinas, mas também as de aves, suínos e peixes – cheguem a mercados mais sofisticados, que pagam mais pelo produto.

“Hoje, alguns países não se sentam à mesa de negociação conosco, porque ainda não temos o selo de área livre de febre aftosa sem vacinação. Mas, a partir de maio, com o reconhecimento da OIE, poderemos negociar com esses países, abrindo mais mercados, que têm consumidores mais exigentes e que pagam mais pelo produto”, aponta o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette.

Ou seja, na prática, a expectativa é de que o novo *status* sanitário traga reflexos positivos diretos no volume de exportações. No caso da bovinocultura de corte, essa perspectiva deve impulsionar uma realidade que já vem em expansão. De 2000 para cá, as vendas externas aumentaram mais de 450%: saltaram de 356 mil para 2 milhões de toneladas.

“É uma ótima oportunidade para o Paraná, que tem condições de atender a esses mercados”, diz Guilherme Souza Dias, técnico do DTE da FAEP. “Com a chancela, cai a última barreira não-tarifária internacional, ampliando o nosso mercado consumidor. A medida beneficia as proteínas animais como um todo, não somente esta ou aquela cadeia produtiva”, acrescenta.

A conquista do reconhecimento internacional é reflexo de um trabalho que começou na década de 1970, com a estruturação do sistema sanitário do Paraná, em esforços conjuntos que uniram o poder público e o setor produtivo. Todo esse processo teve participação decisiva do Sistema FAEP/SENAR-PR. Só de 1997 a 2019, a instituição investiu US\$ 10,2 milhões no fortalecimento dessa rede, fomentando a participação em reuniões e congressos de órgãos internacionais e estimulando a criação de políticas públicas que colocassem os produtos paranaenses em outro patamar de qualidade.

“Estamos perto de realizar um projeto que começou na década de 1970. Muitos produtores, cooperativas e empresários não têm ideia do impacto que [o novo *status*] vai trazer. A palavra de ordem é sustentabilidade. Quem não tiver sanidade, quem não tiver sustentabilidade, vai ter dificuldade. Nós não teremos dificuldades, porque estamos seguros, graças a esse caminho que foi consolidado ao longo de décadas”, ressalta Meneguette.



Queijos puxam queda do mercado de lácteos

Recuo de preços atingiu muçarela, prato e provolone nos meses de janeiro e fevereiro

O preço dos queijos puxou para baixo o valor de referência do leite – índice usado para servir como base na negociação entre produtores e a indústria. O muçarela, o prato e o provolone, que já tinham sofrido desvalorização em janeiro, voltaram a oscilar para baixo na parcial de fevereiro (até o dia 17). A dinâmica de mercado foi apresentada durante reunião do Conselho Paritário Produtores/Indústrias de Leite do Paraná (Conseleite-PR), realizada no dia 23 de fevereiro, por videoconferência.

A queda do valor de referência está diretamente relacionada ao muçarela – derivado lácteo que respondeu por 44% dos produtos lácteos comercializados no Paraná em fevereiro. De dezembro a fevereiro, o preço do produto recuou 19,3%. Com a desvalorização, o muçarela voltou aos patamares de junho do

ano passado. Ainda assim, esse queijo segue em níveis de preços muito maiores em relação a anos anteriores.

“Vale comentar que foi uma queda que veio ocorrendo semana a semana e ainda não sabemos se há espaço para os preços recuarem mais, já que há um estoque do muçarela nas indústrias e os volumes de venda estão menores”, disse José Roberto Canziani, professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR), responsável pelo levantamento.

No caso do queijo prato e do provolone, a desvalorização entre dezembro e fevereiro também foi considerável: respectivamente, 15,6% e 5%. O parmesão foi o único tipo de queijo que teve um movimento diferente: o preço médio subiu em janeiro, mas voltou a recuar em fevereiro. Esse movimento, segundo a UFPR, está mais relacionado ao tipo de

parmesão que foi comercializado, já que o volume não é tão representativo dentro do mix total. Comportamento semelhante foi observado com o requeijão.

Nessa dinâmica, os preços do leite UHT e do leite spot também caíram: 10,7% e 15,4%, respectivamente. A exceção do período foram as gorduras, que obtiveram leve valorização entre dezembro e fevereiro. No caso do creme de leite, a alta foi de 2,4%. O preço da manteiga, por sua vez, oscilou para cima em 2,1%.

“Embora nos preocupe, os dados não são surpresa, em função do que estamos vendo na prática, com exagerados custos de produção, por um lado, e pela queda no consumo, por outro”, disse o presidente do Conseleite-PR, Ronei Volpi, que representa o Sistema FAEP/SENAR-PR no colegiado.

VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE* - DEZEMBRO/2020 e JANEIRO/2021

Matéria-prima	Valores finais em Dezembro/2020	Valores finais em Janeiro/2021	Variação (Janeiro - Dezembro)	
	(leite entregue em Dezembro a ser pago em Janeiro)	(leite entregue em Janeiro a ser pago em Fevereiro)	Em valor	Em %
Leite PADRÃO (R\$/Litro)	1,8409	1,6737	-0,1672	-9,08%

VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE* - JANEIRO/2021 e FEVEREIRO/2021

Matéria-prima	Valores projetados Janeiro/2021	Valores projetados Fevereiro/2021	Variação (Fevereiro - Janeiro)	
	(leite entregue em Janeiro a ser pago em Fevereiro)	(leite entregue em Fevereiro a ser pago em Março)	Em valor	Em %
Leite PADRÃO (R\$/Litro)	1,6765	1,5765	-0,1000	-5,96%

Para o leite pasteurizado o valor projetado para o mês de fevereiro de 2021 é de **R\$ 2,8247/litro.**

Instrutor premiado em Guarapuava

O instrutor do SENAR-PR Marcelo Ferreira Guimarães foi um dos dez vencedores do 1º Prêmio Nacional de Vídeos Educativos de Formação Profissional (FPR) e Promoção Social (PS), promovido pelo SENAR Nacional. O profissional é responsável em repassar conhecimento por meio dos cursos “Inclusão digital” e “Sol rural”. A premiação pelo desempenho no concurso nacional foi um celular com tripé, que Guimarães recebeu das mãos do presidente do Sindicato Rural de Guarapuava, Rodolpho Luiz Botelho, e do supervisor do SENAR-PR na região, Aparecido Ademir Grosse. O vídeo premiado pode ser conferido no site do Sistema FAEP/SENAR-PR (www.sistemafaep.org.br).



INFORME

Veja também no site
www.fundepecpr.org.br

FUNDEPEC - PR | SÍNTESE DO DEMONSTRATIVO FINDO 31/01/2021

HISTÓRICO/CONTAS	RECEITAS EM R\$			DESPESAS EM R\$			SALDO R\$	
	REPASSE SEAB		RESTITUIÇÃO DE INDENIZAÇÕES	RENDIMENTOS	TRANSFERÊNCIAS	INDENIZAÇÕES		FINANCEIRAS/BANCÁRIAS
	1-13	14						
Saldo C/C	257,12	-	-	174,69	-	-	431,81	
Serviços D.S.A.	403.544,18	-	-	138.681,09	542.225,27	-	-	
Setor Bovídeos	8.444.549,48	278,44	-	47.568.491,40	-	2.341.952,64	54.207.877,10	
Setor Suínos	10.323.319,02	2.210.606,80	-	4.911.915,35	-	192.156,99	17.253.684,18	
Setor Aves de Corte	1.481.958,15	2.342.576,48	-	4.753.336,63	-	-	8.577.871,26	
Setor de Equídeos	53.585,00	23.737,78	-	184.073,80	-	-	261.396,58	
Setor Ovinos e Caprinos	123,76	-	-	18.029,69	-	-	23.868,30	
Setor Aves de Postura	37.102,41	46.905,50	-	231.380,73	-	-	315.388,64	
Pgto. Indenização Sacrifício de Animais*	-	-	-	-	-	141.031,00	(141.031,00)	
CPMF e Taxas Bancárias	-	-	-	-	-	77.567,43	(77.567,43)	
Rest. Indenização Sacrifício de Animais*	-	-	141.031,00	-	-	-	141.031,00	
TOTAL	20.744.439,12	4.624.105,00	141.031,00	57.806.083,38	542.225,27	2.675.140,63	77.567,43	
SALDO LÍQUIDO TOTAL							80.562.950,44	

Ágide Meneguette
Presidente do Conselho Deliberativo

Ronei Volpi
Diretor Executivo

Simone Maria Schmidt
Contadora | CO-CRC/PR-045.388/0-9

FUNDEPEC - PR - entidade de utilidade pública - Lei Estadual nº 13.219 de 05/07/2001.



ALTAMIRA DO PARANÁ

SISTEMA DE IRRIGAÇÃO

O curso “Sistema de Irrigação – Qualidade da Água, Métodos e Manejo de Irrigação” ocorreu entre os dias 8 e 12 de fevereiro, realizado pelo Sindicato Rural de Campina da Lagoa em parceria com Secretaria da Agricultura de Altamira do Paraná. Um grupo de nove pessoas foi treinado pelo instrutor Paulo Rogério Borszowski.



PALOTINA

COLHEDORA AXIAL

O Sindicato Rural de Palotina ofereceu, entre os dias 25 e 29 de janeiro, o curso “Operação e manutenção de colhedoras axiais – NR 31.12”, em parceria com Agricase Equipamentos Agrícolas Ltda. O treinamento foi conduzido pela instrutora Silvana Olzewski, para oito participantes.



UBIRATÃ

MARKETING

O Sindicato Rural de Ubatã realizou, entre os dias 12 a 15 de janeiro, o curso “Trabalhador na administração de empresa grossilvipastoris – marketing no agronegócio”. Foram treinadas sete pessoas pela instrutora Luciane Pimentel.



ARAPOTI

CLASSIFICAÇÃO DE GRÃOS

O instrutor Caetano Benassi aplicou o curso de “Classificação de Grãos – Feijão” para 10 pessoas, no Sindicato Rural de Arapoti. O curso aconteceu no dia 28 de janeiro.



JACAREZINHO



JUSSARA

KAIZEN

Desde o dia 5 de janeiro está acontecendo, no Sindicato Rural de Jacarezinho, o curso “Kaizen – 5S”, em parceria com Seara Alimentos Ltda”. O curso tem previsão de término em 11 de março. A instrutora Joseane Granemann está à frente do treinamento com nove participantes.

NR 35

Entre os dias 11 e 15 de janeiro, o Sindicato Rural de Cianorte e a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP) realizaram cinco cursos de atualizações de “Trabalho em altura – NR 35”. Rodrigo Rivarola foi o instrutor responsável por capacitar cerca de 50 colaboradores da CMNP.



CASCADEL



PALMEIRA

MORANGUEIRO

O Sindicato Rural de Cascavel, em parceria com Agropec, realizou, entre os dias 20 e 28 de janeiro, o curso “Morangueiro – cultivo em substrato”. O treinamento foi conduzido pelo instrutor Solivan Rosanelli para oito colaboradores da empresa.

ROÇADEIRA PROFISSIONAL

O Sindicato Rural de Palmeira ofertou o curso “Trabalhador volante da agricultura – operação e manutenção de roçadeira” em parceria com a Fazenda Santa Tereza da Berneck, sendo capacitados sete colaboradores pelo instrutor Sidemar Hobal Costa.

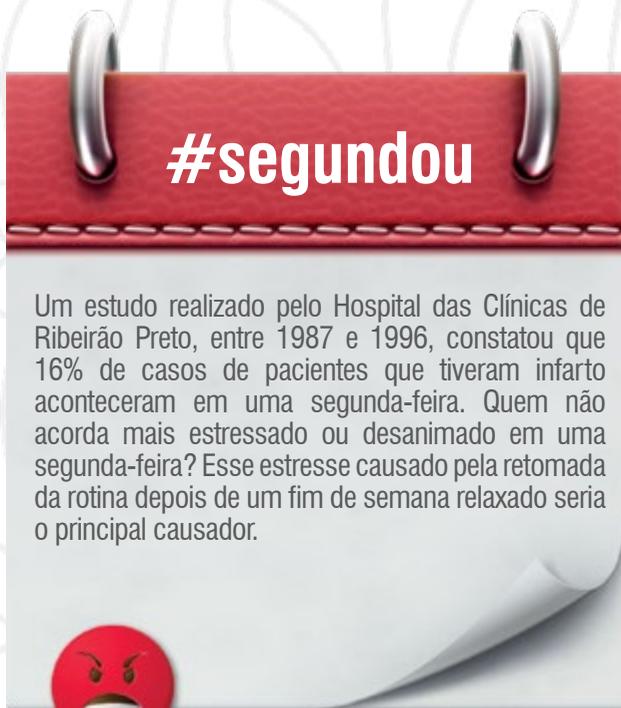
Sindicais

VIA RÁPIDA



Olhos mutantes

Um estudo feito pela Universidade de Copenhague, da Dinamarca, sugere que todas as pessoas com olhos azuis possuem um ancestral em comum. Segundo o trabalho, os olhos azuis são resultado de uma mutação genética que ocorreu em apenas uma pessoa há 10 mil anos. Isso teria afetado a melanina, proteína que dá a pigmentação dos olhos, pele e cabelos.



Um estudo realizado pelo Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto, entre 1987 e 1996, constatou que 16% de casos de pacientes que tiveram infarto aconteceram em uma segunda-feira. Quem não acorda mais estressado ou desanimado em uma segunda-feira? Esse estresse causado pela retomada da rotina depois de um fim de semana relaxado seria o principal causador.



Que calor!

O recorde já registrado de temperatura mais alta ocorreu em Furnace Creek, uma região desértica do Vale da Morte, Califórnia, nos Estados Unidos. Em julho de 1913, a região marcou 56,7°C.



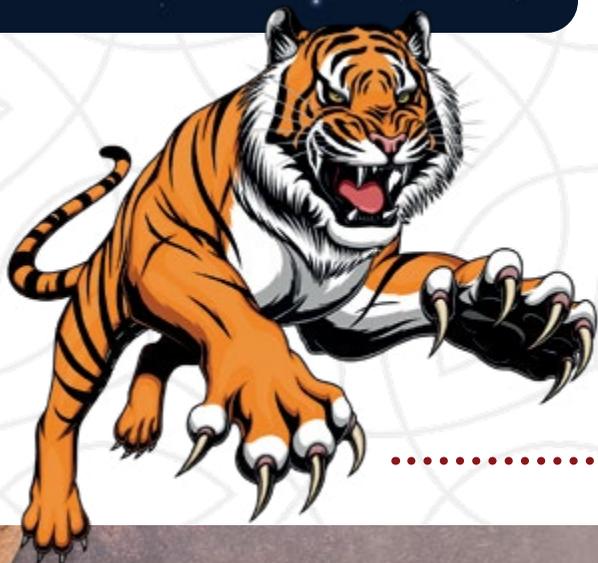
Dentes explosivos

Um caso misterioso relacionado a dentes explosivos está sem resposta até hoje. Alguns casos foram documentados no século 18, nos Estados Unidos, precedidos de uma dor aguda na mandíbula. Houve histórias de pessoas que ficaram surdas com o estrondo causado pela "explosão". Uma das possíveis causas é o uso de agentes químicos no tratamento de cáries. E você aí com medo da broca do dentista!

Segunda lua



Imagine apreciar uma noite com duas luas no céu. Há anos que os cientistas tentam provar a teoria da dicotomia lunar. Basicamente, a teoria diz que há bilhões de anos existiram duas luas na Terra. Esse satélite teria colidido com a Lua que conhecemos hoje e saído de órbita. Esta é uma possível explicação para a origem das montanhas lunares.



UMA SIMPLES FOTO



RG de um tigre

A pelagem listrada de um tigre funciona como um dispositivo de camuflagem e também como meio de identificação. Não há tigres com o mesmo padrão de listras. Ou seja, a pelagem acaba sendo sua impressão digital. A pele do felino também é listrada, no mesmo padrão que o seu pelo.

Vinho nosso de cada noite

A garrafa de vinho tem 750 mililitros, e não um litro, por causa de um sistema métrico antigo. No século 19, os ingleses importavam os seus vinhos em galões, que tinham exatamente 4,5 litros. Os franceses, para facilitar, envasavam o vinho em garrafas de 750 ml e colocavam 6 garrafas em caixas, o que dá o total de um galão.

Tchau, Araújo!

Todos os dias quando passava um avião por cima da casa do Manuel, ele dizia:

– Tchau, Araújo. Adeus.

A Maria intrigada perguntou:

– Manuel, como sabes que é o Araújo que está lá?

– Ora, Maria, quem viaja pelo mar não é marujo?

Então, quem viaja pelo céu é Araújo.



APLICATIVO SISTEMA FAEP

Acesse a *Play Store* ou a *Apple Store* e baixe o

APLICATIVO SISTEMA FAEP

- Muita informação do agronegócio e do Sistema FAEP/SENAR-PR
- Agendas de eventos e cursos do SENAR-PR
- Cotações das principais *commodities*
- Clima e muito mais!



app.sistemafaep.org.br

Acesse a versão digital deste informativo:

sistemafaep.org.br

• FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 |

Fax 41 3323.2124 | sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

• SENAR-PR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 |

Fax 41 3323.1779 | sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
R. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não Procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço Insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ____/____/____

Em ____/____/____ Responsável

Siga o Sistema FAEP/SENAR-PR nas redes sociais

